

Anticorpos à cultura da desconfiança: o regresso da ciência e da prudência na agenda mediática

Antibodies against the culture of mistrust: the return of science and prudence to the media agenda

Vania Baldi*, Adelino Gala*

*Universidade de Aveiro – Centro de Investigação em Media Digitais e Interação

Resumo

Neste artigo explora-se a maneira da cultura mediática contemporânea refletir algumas das mudanças socioculturais e sociopolíticas trazidas pela pandemia. Por um lado, pretende-se analisar a presença constante de alguns representantes da cultura científica dentro do cenário info-comunicacional, por outro observa-se a recrudescência do extremismo ideológico e das narrativas conspirativas. Explorando um conjunto de estudos de caso tenciona-se refletir sobre as implicações culturais e políticas desafiadas por estas duas opostas dimensões presentes no panorama mediático.

A introdução na agenda mediática da linguagem e da abordagem científica à emergência sanitária é perspectivada como promissora de uma humanização da ciência e de uma nova aproximação entre peritos e leigos. Porém, ao mesmo tempo, são assinalados os riscos que derivam duma sempre possível politização do seu discurso, bem como duma visão ingénuo que perspectiva de forma neutra e autónoma a sua atuação.

A violência ideológica que sustenta a infodemia é, por sua vez, analisada como algo que não deve ser pensada apenas como um problema de ignorância ou iliteracia (geradora de *fake knowledge*), mas como uma forma de revolta orientada à desestabilização social, à refutação das regras do jogo democrático e das formulas jurídico-políticas tradicionais. O problema urgente não é a presença de teorias conspirativas, mas a vontade de acreditar nelas tornando-as objeto de campanhas de ódio.

Neste sentido, as ciências da comunicação são desafiadas a colaborar de forma mais integrada com a ciência política e a sociologia da ciência.

Palavras-chave: divulgação científica; infodemia; radicalização ideológica; sociologia reflexiva

Abstract

This article explores how contemporary media culture reflects some of the socio-cultural and socio-political changes that occur in the context of the pandemic. On the one hand, the intention is to analyse the constant presence of some representatives of scientific culture within the info-communicational scenario, on the other hand, the upsurge of ideological extremism and conspiracy narratives is observed. Exploring a set of case studies, we intend to reflect on the cultural and political implications challenged by these two opposing dimensions present in the media landscape.

The introduction of the scientific approach and language in the media agenda, in a scenario of a health emergency, is seen as a promise of a more humanized science, whose aim is to bring together experts and laypeople. However, at the same time, the risks arising from a possible politicization of scientific discourses are highlighted.

The ideological violence that supports the infodemia is, in turn, analysed as something that should not be thought of only as a problem of ignorance or illiteracy (generating fake knowledge), but as a form of revolt oriented towards social destabilization, the refutation of rules of the democratic game and traditional legal-political formulas. The urgent problem is not the presence of conspiracy theories, but the will to believe them and make them the object of hate campaigns.

In this sense, communication sciences are challenged to collaborate in a more integrated way with political science and the sociology of science.

Keywords: scientific divulgation; infodemia; ideological radicalization; reflexive sociology.

Introdução

O último ano foi extraordinário e errático por várias razões, a interrupção sistêmica e global das nossas rotinas quotidianas, dos nossos hábitos cognitivos e esquemas de valores criaram as condições paradoxais para nos sentirmos, ao mesmo tempo, mais “terrestres” e vacilantes. Embora tenhamos ficado colados às nossas conexões digitais e desempenhado tarefas pouco diferenciadas, a persistência da crise pandêmica e a amplitude das suas sequelas inclinaram o eixo das nossas crenças e convicções implícitas. De facto, na alternância entre estados de emergências, recolheres obrigatórios e autoconfinamentos, nos deparamos, entre as outras coisas, com os efeitos concretos da interdependência global, com a prova que a solidariedade pode ser socialmente eficaz, com a sobreposição entre responsabilidade individual e coletiva, com a confirmação catastrófica da cegueira moral e epistémica que suporta um modelo económico e de desenvolvimento baseados na exploração infinita de recursos naturalmente finitos, com dúvidas sobre certezas que dávamos por adquiridas e com a angústia pela fragilidade resultante destas considerações.

Naturalmente, como veremos a seguir, seria ingénuo afirmar que sairemos globalmente emancipados, mais previdentes e responsáveis sobre os nossos estilos de vida, ou que seremos mais exigentes com quem desempenha papéis políticos e institucionais. Todavia, aquilo que se pode não ter tornado consciente pode ter sido assimilado e apreendido implicitamente, por uma familiarização com um novo cenário cultural e mediático. Conforme a definição bourdieusiana de *habitus*, entendido como algo que resulta dum sistema de padrões percetivos, de pensamento e de ação, adquirido de maneira duradoura e gerado por condições objetivas (Bourdieu, 1979), começamos a lidar com uma produção noticiosa acompanhada por peritos. A linguagem e os convidados de muitos órgãos informacionais mudaram. A imprevisibilidade trazida pela realidade pandêmica e a prudência utilizada na comunicação pública acerca dela modificaram o cenário discursivo, afetando as ortodoxias da produção noticiosa.

À desarticulação das nossas referências simbólicas e concretas do costume correspondeu a oferta de um novo elo orientador norteado pelo discurso científico. As audiências começaram a conhecer e partilhar, também, informações mais balizadas nas hipóteses e nas explicações científicas. O discurso racional ganhou destaque, reapareceu nos programas da agenda mediática, ainda que repleto de opacidades e hesitações nas interpretações e previsões acerca da realidade pandêmica. O espetáculo da dor, das acusações e das opiniões *prêt-à-porter* deixaram de ser reproduzidas, o niilismo associado às representações das crises e desigualdades sociais começou a ser acompanhado por um resgate de questões éticas e políticas marginalizadas há muito tempo pela administração tecnocrática da democracia: a regularização dos imigrados, a valorização do estado social e da saúde pública testemunharam a possibilidade de poder desbravar um novo caminho sociopolítico.

A questão que se pretende propor é se estas alterações significativas no cenário social e comunicacional poderão trazer na esfera pública uma nova modalidade em abordar e conceber os temas complexos da atualidade, proporcionando um novo interesse (nos media e nos públicos) em promover e valorizar a competência e os seus critérios de discernimento. Interessa averiguar se, face a uma emergência social epocal, os assuntos de relevância pública podem vir a ser integrados em uma discursividade comum menos conflituosa e preconceituosa, menos refém do imediatismo sensacionalista e pré-reflexivo, mas mais cautelosa no discernimento das suas referências e argumentações (Nichols, 2018; Baldi, 2020).

De facto, os últimos anos caracterizaram-se por um fundamentalismo anticientífico, as suas declinações marcaram vários âmbitos da sociedade, ficaram patentes os seus efeitos na qualidade do discurso público, na emergência de movimentos e representantes políticos, bem como na governação de alguns países de relevo internacional. O cenário antirracionalista tem-se apresentado com tons, enquadramentos e linguagens de justiceiros, com *slogans* a reivindicar o papel de autenticidade cultural e política ao serviço dos demais, tornando-se o húmus de referência de vários grupos de fanáticos, autodefinidos como irredutíveis esclarecidos contra as mentiras organizadas pelas elites.

Os alvos da militância antirracionalista foram (e continuam a ser) os representantes do conhecimento estabelecido e as suas instituições de referência, bem como os cidadãos comuns que nos mais diversos espaços de debates online exercitaram a sua normal função crítica para refletirem sobre os temas quentes da atualidade baseando-se na lógica, nos factos verificados e no sentido histórico dos acontecimentos.

Em princípio, a lógica subjacente ao discurso e ao método científico permitiria semear éticas argumentativas e atitudes críticas alternativas às narrativas desviantes e mirabolantes. Os seus anticorpos à especulação arrogante consistem na hipótese de que "existem coisas reais, cujas características são inteiramente independentes de nossas opiniões sobre elas" (Hoover, 1994, p. 298).

Todavia, com o início da pandemia, à retórica das verdades alternativas juntaram-se discursos de ódio contra um leque mais diversificado de símbolos políticos e culturais, orquestrados por grupos ideologicamente radicalizados e com estratégias comunicativas coordenadas entre plataformas online específicas (DLive, Gab, Parler etc.) e manifestações de rua.

Desafios sociopolíticos para a ciência da comunicação: a violência ideológica por trás da infodemia

Como referimos, a ciência ganhou protagonismo e reconhecimento acrescidos, devido a covid-19 os seus peritos saltaram para a ribalta. A política, o mundo empresarial e os media demonstraram-se sedentos de pareceres e competências científicas, dependentes da experiência dos epidemiologistas, virologistas e especialistas das várias áreas do conhecimento capazes de responder aos anseios ditados pela urgência socio-sanitária. Retomaremos a seguir o que há de promissor nesta ancoragem aos recursos simbólicos e concretos do conhecimento científico (Wegwarth et al, 2020). A pandemia, todavia, também tem revelado lados negros da nossa contemporaneidade aparentemente projetada num *telos* de progresso tecnocientífico. A exposição mediática de estudiosos portadores de argumentos racionais não tem impedido o ruído de fundo da disseminação ubíqua de notícias falsas, de campanhas negacionistas, teorias conspirativas, da profusão de insultos e linguagem de ódio contra os representantes da ciência e das medidas sanitárias, bem como dos representantes das minorias e do pluralismo democrático. A dimensão socialmente corrosiva determinada pela "construção viral da realidade" (Baldi, 2018) foi refletida nas suas diferentes vertentes pelos relatórios, entre os outros, do Observatório da Comunicação "Obercom", do Reuters Institute da Oxford University, bem como pela *resolução do Parlamento Europeu, de 13 de novembro de 2020, sobre o impacto das medidas de resposta à COVID-19 na democracia, no Estado de direito e nos direitos fundamentais (2020/2790(RSP))*, ou pelas alianças entre editoras e consórcios tecnológicos internacionais para contrastar a desinformação sobre Covid19, como no caso da campanha "VaxFacts" lançada pela

NewsGuard em parceria com a Microsoft que, junto com a OMS, criaram a extensão Web "HealthGuard" para todos os *browsers*, funcionando como verificador de notícias nas redes sociais e nos websites mais consultados globalmente.¹

Com a pandemia, para além das guerrilhas semióticas ao serviço de narrativas inventadas para gerar caos informacional, foram criadas e propagadas também outras orientadas contra específicos grupos sociais. A Covid 19 foi um pretexto para intensificar o discurso de ódio e alargar o leque das suas vítimas. A problemática da desinformação alcançou outros patamares, cujos objetivos nem necessariamente seriam vinculados ao condicionamento da opinião pública em momentos eleitorais. A Organização das Nações Unidas alertou desde o início da pandemia sobre a propagação de conteúdos racistas, misóginos, antissemitas, antimuçulmanos ("Corona *jihad*" frisou Apoorvanand, colunista de *Al Jazeera*)², como também sobre o espalhar-se de sentimentos de ódio em muitos países do Norte e do Sul do mundo contra os estrangeiros, as minorias culturais, os defensores dos direitos humanos e até os profissionais da saúde. Emergiram grupos digitalmente organizados, mas com repercussões em violentas manifestações de rua, que se aproveitaram da crise sanitária para recrutarem adeptos e criarem agendas conspirativas orientadas por movimentos de extrema-direita (Williams, 2021).

Discursos de ódio que se vão construindo para afiliar os negacionistas (alérgicos) dos benefícios sociais da cultura e do pluralismo democrático nas suas diferentes formas, produto daquilo que Bauman denominou de "mixofobia" (BAUMAN, 2007): "a mixofobia se manifesta na tendência em direção a ilhas de similaridade e semelhança em meio a um oceano de variedade e diferença" (Bauman, 2007, p. 92-93). Neste cenário, a proliferação de *fake news* não deve ser pensada apenas como um problema de ignorância ou iliteracia (geradora de *fake knowledge*), mas como uma forma de revolta orientada à desestabilização social, à refutação das regras do jogo democrático e das formulas jurídico-políticas tradicionais (Safatle, 2018; Lobo et al, 2020).

A desinformação adquiriu conotações cada vez mais sociopolíticas, extravasando para a esfera da criminalidade e do terrorismo (UNICRI, 2020).³ Neste sentido, a alfabetização digital representa apenas um dos recursos através dos quais defender a dimensão cívica das práticas info-comunicacionais e fortalecer os pilares das democracias. Uma vez que a intolerância organizada cruza radicalismos culturais com desenhos políticos e geopolíticos, os *vieses de confirmação*, típicos de quem quer acreditar no que mais confirma as suas verdades preconcebidas, deixam de ser um problema exclusivo da literacia mediática. As literacias digitais e mediáticas devem integrar-se, pelo menos neste contexto, com a literacia política e a do estado de direito. As pesquisas realizadas durante o contexto de "infodemia" também confirmaram que o "viés de confirmação" não é um problema de literacia, uma vez que mesmo quando sabem que estão a aceder a

¹ https://obercom.pt/wp-content/uploads/2020/06/DNR_PT_2020_19Jun.pdf - <https://obercom.pt/impacto-do-coronavirus-e-da-crise-pandemica-no-sistema-mediatico-versao-iii-fevereiro-2021/> - https://www.europarl.europa.eu/doceo/document/TA-9-2020-0307_PT.html - <https://www.newsguardtech.com/welcome-to-healthguard/>

² Apoorvanand, *How the coronavirus outbreak in India was blamed on Muslims*. In <https://www.aljazeera.com/opinions/2020/4/18/how-the-coronavirus-outbreak-in-india-was-blamed-on-muslims>

³ UNICRI - United Nations Interregional Crime and Justice Research Institute (2020). *Stop the Virus of Disinformation: the risk of malicious use of social media during COVID-19 and the technology options to fight it*. <http://www.unicri.it/sites/default/files/2020-11/SM%20misuse.pdf>

informação enviesada, as pessoas não mudam o que escolheram ler/ouvir/ver: mesmo que entendam que estão a recolher informação adulterada não mudam a sua posição.⁴

Saber reconhecer o valor de uma notícia ou conseguir verificar a sua fonte é algo fundamental, mas aquilo que parece ser mais premente é analisar e compreender as ideologias subjacentes às histórias que se tornam virais, assim como, ao mesmo tempo, saber promover um discurso público e uma política capazes de integrar setores diferentes da sociedade dentro uma cosmovisão alternativa àquelas do ódio e do *dividi et impera* (Müller & Schwarz, 2020). Alguém pode produzir informações com o intuito de enganar, mas quem as partilha pode estar sinceramente convencido que façam sentido, que a perspetiva de valores que as contornam seja plausível e mereça ser sustentada.

Se olharmos retrospectivamente para a história política do século passado, nomeadamente aquela caracterizada pelos totalitarismos, descobrimos alguma ressonância entre a violência discursiva hodierna e aquele cenário poluído por retóricas e propagandas baseadas em infâmias e imposturas utilizadas como armas políticas. Neste sentido, merece destaque a reedição do livro *Reflexões sobre a mentira* do filósofo Alexandre Koyré (2021), segundo o qual, escrevia em 1943, os regimes totalitários são “fundados em cima da *primazia da mentira*”, concebendo “a verdade objetiva” desprovida de qualquer sentido, uma vez que o critério de verdade que impingem “não é o seu valor universal, mas a sua conformidade ao espírito da raça, da nação ou da classe, a sua utilidade racial, nacional ou social” (Koyré, 2021, p. 11). O estudioso frisava esta deriva cultural auxiliada pela comunicação de massa como um processo de mistificação assente no desprezo pela inteligência crítica: Se nada é mais refinado do que a técnica da propaganda moderna, nada é mais grosseiro do que o conteúdo das suas asserções, que revelam um desprezo absoluto e total pela verdade. E mesmo pela simples verosimilhança. Desprezo que apenas é igualado pelo das faculdades mentais daqueles a quem se dirige, e que implica [...]. As filosofias oficiais dos regimes totalitários negam o valor próprio do pensamento, que, para eles, não é uma luz, mas uma arma; o seu fim, a sua função, dizem-nos eles, não é revelar-nos o real, ou seja, o que é, mas ajudar-nos a modificá-lo, a transformá-lo, guiando-nos em direção ao que não é. Ora, na verdade, tal como se reconheceu desde há muito tempo, o mito é muitas vezes preferível à ciência, e a retórica que se dirige às paixões, à demonstração que se dirige à inteligência. (Koyré, 2021, p. 10-12)

Todavia, num contexto democrático o direito de expressão deveria reconhecer os seus limites na medida em que se parte do pressuposto de que ele precisa harmonizar-se com outros direitos. Só em democracia os limites à liberdade de expressão não representam uma censura, mas o respeito da comunicação cívica e civilizada, aquela que não prejudica ninguém e é saudável para todos. Porém, tal pressuposto é veementemente ostracizado pelas milícias digitais radicalizadas. Como afirmou Tom Nichols no seu *A morte da Competência. Os Perigos da Campanha Contra o Saber Estabelecido*:

Pensava-se que anos de melhoria do ensino, o acesso facilitado aos dados, a explosão das redes sociais e remoção dos obstáculos à participação no debate público iriam melhorar a nossa capacidade de deliberar e decidir. Pelo contrário, parece que estas mudanças tornaram tudo pior. Qualquer informação pública sobre

⁴ Um recente contributo que vai neste sentido é o realizado pela pesquisa *Reducing biased information processing to increase compliance with measures recommended by the NHS for the prevention of Covid-19*, em desenvolvimento no Nova SBE Behavioural Lab: <https://www.publico.pt/2021/02/12/sociedade/noticia/sabem-estao-aceder-informacao-enviesada-pessoas-nao-mudam-escolhem-ler-1950283>

qualquer assunto descamba numa guerra de trincheiras, em que o objetivo mais importante é o de provar que a outra pessoa está enganada (Nichols, 2018, p. 63).

A negação apriorística da realidade, quando esta é adversa àquela inventada pelos grupos fascizantes, serve para justificar uma agenda baseada na demonização de sempre novos bodes expiatórios, assim como o incitamento à violência serve para silenciar argumentos sensatos e a evidência de factos irreduzíveis ao discurso conspirador. O desafio para todo o conhecimento que invoque perícia é aquele de ir muito além da capacidade de distinguir entre fontes de conhecimento fiáveis e equivocadas, é algo mais profundo e transversal, uma vez que o que está em jogo abrange a organização política da sociedade, remetendo para as raízes do *consenso sobre o senso comum*.

O fenómeno da radicalização obriga os estudiosos da área da comunicação a dialogarem com os estudiosos da ciência política e da ciência da computação, uma vez que as técnicas e táticas dos grupos radicalizados atravessam os lugares mais recônditos da infoesfera aproveitando-se dos algoritmos das diferentes plataformas utilizadas para propagarem narrativas enviesadas em prol do fanatismo político (Lobo et al, 2020). Neste sentido, é sintomático que as reações que se vão organizando espontaneamente para reagir aos vários ataques das várias milícias socio-digitais utilizem as mesmas técnicas digitais para divulgar narrativas sensatas e realísticas em prol de uma perspectiva social cívica e respeitosa do pluralismo.

Entre as técnicas vandálicas de *zoombombing* e as táticas progressistas de *counterspeech* (Richard e Calvert, 2000) o que está em jogo é a disputação entre narrativas disruptivas e construtivas. Todavia seria ingénuo pensar que tal jogo possa jogar-se no âmbito das narrativas, o conflito sociopolítico que está por trás implica a reconfiguração dos modelos de desenvolvimento e justiça social, a requalificação dos processos participativos e normativos. A conturbação social e tecnológica que atravessamos confirma que as armas cognitivas e linguísticas do modelo populista determinam um novo *master frame* na comunicação política.

Como vimos, a crise pandémica, com a crise económica e social que desencadeou, foi terreno fértil para agregar as distopias mais bizarras e agressivas e torná-las parte de um discurso socialmente desestruturante baseado na politização do ódio e na difamação fascizante. Cabe também aos partidos políticos, como instituições da democracia representativa, reconstruir e desafiar novas práticas info-comunicacionais e abrir caminho a novas possibilidades sociopolíticas, dentro de fora da rede. É de esperar que as organizações profissionais de notícias ajudem neste processo, uma vez que a febre populista contagia há algum tempo também a sua práxis laboral: privilegia-se cada vez mais o conflito (controvérsias, polémicas e ataques), o entretenimento (abordagem *soft*, com interesse humano ou humorístico) e imagens fortes (sensacionais ou potenciadoras de emoções), valorizando-se ainda a disseminação de histórias suscetíveis de gerar partilhas e comentários via Facebook, Twitter e outras redes sociais (Figueiras, 2021, p. 146)

Entre a humanização do método científico e os riscos da sua politização

Ao lado da intoxicação socio-comunicacional, a pandemia tem provocado uma série de reações culturais propícias para a emergência de um potencial anticorpo cultural contra a fragmentação e polarização dos registos discursivos. A incerteza geral sobre o processo pandémico, com as suas diferentes implicações na vida quotidiana de cada cidadão, tem desafiado a busca de informações credíveis e esclarecedoras, bem como a necessidade de pareceres ponderados para governar a crise e orientar as políticas públicas. Tais

instâncias têm projetado no sistema mediático um papel fulcral de intermediação entre os diferentes setores da sociedade e os vários media globais. Às narrativas falaciosas e distópicas se contrapuseram informações mais aprofundadas e coordenadas entre profissionais de áreas distintas.

A ciência passou dos laboratórios para o palco mediático, investigadores pouco acostumados a interagir com jornalistas e grandes audiências tiveram que adaptar-se rapidamente aos formatos e às exigências socio-mediáticas (Pearce, 2020). Antes de refletir sobre alguns riscos e tiques da espetacularização mediática, assim como sobre alguns efeitos da sua redundância na cobertura informativa, é preciso destacar a importância que a comunicação social teve em aproximar a ciência aos públicos, confirmando que o papel da ciência no mundo depende da sua divulgação para uma audiência mais ampla (Kreps, Krinner, 2020).

Em primeiro lugar é de destacar como qualquer leigo interessado na presença de cientistas nos vários órgãos comunicacionais, para poder conseguir informações úteis sobre a génese e a evolução do vírus ou sobre as maneiras mais eficazes de cuidar-se, ganhou familiaridade com as hesitações e perplexidades do procedimento científico. Desde o início compreendeu-se que os avanços e recuos no conhecimento das características do vírus, ou as dúvidas acerca da sua transmissibilidade e nocividade, não fossem casos isolados. A incerteza foi patente, as desmentidas frequentes, todavia permitiu entender como a ciência não é sinónimo de onisciência. Uma primeira lição, para os leigos interessados e confiantes no valor da investigação científica, foi que a ciência não se baseia em não cometer erros, mas sim em encontrá-los e corrigi-los. É um processo que, para ser robusto e garantir resultados, deve analisar constantemente as suas falhas.

O método científico remete para uma atitude constante de *fact checking*, onde se procuram falhas, mas sem o intuito de demolir ou perverter o "horizonte de sentido" que sustenta o raciocínio científico. Todo o conhecimento científico está sujeito a revisão face a novas provas. O objetivo da ciência não é produzir verdade indiscutíveis, mas discutíveis (Latour, 2012). A solidez das verdades científicas reside em tal abertura (necessária) à sua potencial "refutabilidade" (Popper, 1954). Contrariamente ao designo dos fanáticos, as razões científicas procuram explorar as zonas cinzentas e irresolvidas do conhecimento para o poder aprimorar e não para o substituir com invenções delirantes que se autojustificam autotelicamente.⁵ A ciência é, acima de tudo, o método para obter e acrescentar novo conhecimento ao que já existe. Neste sentido, a peculiaridade do procedimento científico poderia ser aproveitada por muitos para relativizar a ciência, esquecendo que há conhecimentos que se adquiriram definitivamente e outros que ainda precisam de mais investigação. Podemos negar que a terra seja redonda só pelo gosto de contradizer a evidência

⁵ Já no método científico proposto por Peirce, denominado "metodeutica" (Pierce, 1958), a verdade é concebida como algo sempre falível e resultado de conjeturas alimentadas por instintos, paixões trocas informais de conhecimentos que orientam a elaboração das hipóteses. Porém, depois deste momento chamado pelo filósofo de "abdução", o método das ciências teria como característica a utilização das lógicas dedutivas e indutivas para a averiguação das hipóteses elaboradas. Anteriormente Pierce tinha analisado também as tendências psicológicas e culturais que ficam por trás das verdades preconcebidas, definidas por ele de "fixação das crenças": "tenacidade", "autoridade", "a priori". No primeiro, as crenças são fixadas por decisão individual e independente do contexto: "Oh, não poderia acreditar nisto ou naquilo porque seria infeliz se o fizesse". O método da tenacidade pode levar para o autoisolamento. No segundo método, o da autoridade proíbe-se a adoção de outras crenças diferentes das oficiais. Se no primeiro caso existe a ignorância do geral pelo particular, neste segundo caso há uma ignorância do geral em relação ao particular. No terceiro, o método a priori, a crença é fixada segundo a opinião vigente em grupos ou comunidades que estabelecem padrões cognitivos em função do modismo ou gosto. Para Peirce, todos esses métodos são intrinsecamente instáveis na medida em que as convicções que protegem tais crenças das dúvidas podem ser abaladas pelo convívio e confronto com as crenças de outros povos ou pessoas ou, radicalmente, pelo método científico. (Pierce, C. S. *The Fixation of Belief*, Popular Science Monthly 12 - November 1877-, 1-15. <http://www.bocc.ubi.pt/pag/peirce-charles-fixacao-crenca.html>)

com razões irracionais e mirabolantes, mas sabemos há séculos que é algo insustentável, enquanto teremos que esperar para conhecer com a mesma certeza as sequelas de longo prazo do Covid19.

O fenômeno mediático que necessariamente cercou (e continua a cercar) a pandemia tem refletido como a ciência não é uma caixa negra ou uma magia de onde saem resultados assombrosos. Os media, infelizmente, como já veremos, são tradicionalmente considerados inimigos da divulgação de ciência. A lógica das notícias não sempre combina com aquela articulada e faseada do conhecimento científico, acabando por gerar a ilusão que os processos científicos coincidam com as tecnologias e as suas novidades. Umberto Eco, num ensaio de 2002 intitulado “Ciência, Tecnologia e Magia”, tinha-nos alertado:

Estamos convencidos de que vivemos naquela a que Isaiah Berlin, identificando-a logo nos seus primórdios, chamou *The Age of Reason*. Ultrapassadas as trevas medievais, com o pensamento crítico do Renascimento e com o próprio pensamento científico, hoje acreditamos que vivemos numa época dominada pela ciência [...]. O símbolo da vitória da razão é um produto da tecnologia, não uma ideia de ciência. Por isso, é precisamente a este nível que se impões uma primeira distinção entre ciência e tecnologia [...]. Os homens do presente não só esperam como pretendem que a tecnologia lhe forneça tudo, e não distinguem entre tecnologia destrutiva e tecnologia produtiva [...]. Mas acontece a mesma coisa com a ciência. Os media confundem a imagem da ciência com a da tecnologia e transmitem esta confusão aos seus utilizadores, que julgam científico tudo quanto é tecnológico, ignorando qual é a dimensão própria da ciência, da qual – digo eu – a tecnologia é seguramente uma aplicação e uma consequência, mas não certamente a sua substância primária (Eco, 2007, p. 149-151)

Para Eco os media prejudicam a credibilidade da ciência todas as vezes que a apresentam pelos resultados ou pelas promessas de resultados como se fossem *descobertas* milagrosas. Numa conceção ingénua ou espetacular da ciência existe uma paradoxal afinidade com as crenças teológicas ou mágicas que empolgam os fanáticos do desconhecimento. Para Eco a habituação à tecnologia tem proporcionado um pensamento mágico que afasta do *modus operandi* da ciência. A magia seria: a presunção de que podemos saltar da causa para o efeito por curto-circuito, sem passar pelas fases intermédias. Espetamos um alfinete na esfinge do nosso inimigo e ele morre, pronunciamos uma fórmula qualquer e transformamos o ferro em ouro, invocamos os anjos e eles convertem-se em nossos mensageiros. [...] A magia ignora a longa cadeia das causas e dos efeitos e, acima de tudo, não se preocupa em chegar às conclusões através de provas sucessivas, que mostrem uma relação repetível entre causa e efeito. Daqui advém o fascínio que a magia provocou desde as civilizações primitivas até ao nosso solar Renascimento, e mais longe ainda, até a plêiade das seitas ocultistas omnipresentes na internet (Eco, 2007, p. 152).

Qualquer resultado científico (uma vacina, um computador, uma energia alternativa) resulta de uma cadeia de causas e efeitos longa, mediada, faseada por interrupções e também por mudanças de paradigma (Kuhn, 1962). O pensamento mágico e sensacionalista esquece os laboratórios e hipnotiza-se com o produto de forma imediata. Face à incerteza determinada pela pandemia os media, os seus públicos e a classe política oscilaram entre dois caminhos: aquele que realisticamente assume a dificuldade do método científico com a sua cadeia de hipóteses, experiências de verificação e provas de falsificação, ou aquele que contesta tal incerteza politizando a ciência e menosprezando as medidas socio-sanitárias que esta promove.

Esta última attitude é referida no estudo *Model uncertainty, political contestation, and public trust in science: Evidence from the COVID-19 pandemic* (Kreps & Krinner, 2020).

Because of their role in the policy process, impact on citizens' lives, and apparent erroneous projections, models predicting the course of the COVID-19 epidemic have become a flashpoint for debate about the proper role of science in the policymaking process. [...].

Scientific uncertainty regularly invites political manipulation and debates about communicating complicated and consequential models to the public. Scientific models, in particular, are frequent subjects of political contestation, as in the case of climate change, because they are inherently uncertain and built on abstractions about the theorized relationship between cause and effect, complicated feedback loops, and missing variables or data. Models, therefore, are not "true/false but better/worse, and the possible discrepancy regarding the problem or its parts can have several plausible explanations" (Kreps & Krinner, 2020, p. 1).

Consideradas as elevadas expectativas da sociedade, a pandemia obrigou os cientistas a comunicar a ciência em direto, correndo o risco de deixar-se influenciar pela pressão mediática e de não resistir à tentação de fazer previsões quotidianas. Esta exposição excessiva refletiu-se também em polémicas entre cientistas, como se houvesse uma corrida e concorrência em dar palpites para cativar a atenção e se tornarem mais influentes. Houve casos que foram até surpreendentes pelas abordagens opostas de uns virologistas face aos riscos trazidos por parte do vírus, desafiando uma atitude pouco crítica e objetiva nas suas comunicações.⁶

The inevitable reversals in scientific recommendations constitute another manifestation of underlying uncertainty vulnerable to contestation. The speed with which the pandemic spread across the globe triggered an international race to understand the virus and how to combat it. Researchers responded with studies and findings within days and weeks instead of the usual months or years. The inevitable result was that the scientific "consensus" shifted as new data emerged, presenting challenges to policymakers trying to craft public health measures and provide clear and consistent guidance to citizens (Kreps & Krinner, p. 3).

Como vimos, no contexto atual, a ciência é muito mais exposta, as potenciais consequências do seu trabalho são mais diretas e pervasivas. As tentações para as elites políticas politizar a ciência podem ser ainda mais elevadas hoje, dadas as consequências altamente disruptivas das várias restrições sociais causadas pela pandemia.

For media elites, the stark uncertainty combined with the considerable urgency to report results creates new ambiguities about how to communicate complexity to the public. Media coverage can explicitly acknowledge the unknowns in model projections and COVID-19 science more generally, ignore this uncertainty and paint an unrealistically deterministic portrait of model predictions and the scientific consensus at a given moment, or can go further and "catastrophize" the consequences of not heeding the science (Kreps & Krinner, p. 3). Apesar destes riscos serem realmente nocivos para a coordenação das respostas aos problemas socio-sanitários, nos deparamos também com a grande ocasião de mudar a representação mediática e cultural da ciência. É uma ocasião para deixar de representá-la pelos resultados, mas desafiar o senso comum apresentando o processo científico, aumentando a transparência e explicando a incerteza que constitui o

⁶ Em Alemanha as crispações entre cientistas foram ásperas e representadas pelos *tabloids*, como se se tratasse de estrelas da TV: <https://en.ejo.ch/ethics-quality/how-not-to-cover-science-bilds-campaign-against-german-virologist-christian-drosten>. Seguindo o mesmo teor o diário suíço *Neue Zürcher Zeitung* tituló a disputação entre virologistas "luta de galos sem vencedor": <https://www.nzz.ch/international/drosten-kekule-und-corona-hahnenkampf-ohne-gewinner-ld.1558276?reduced=true>

seu desenvolvimento. A relação entre cientistas e comunidade, e cientistas e políticos, nunca foi tão próxima como agora com a covid-19. Complexa, mas mais próxima. Razão pela qual as recomendações dos investigadores mais atentos aos efeitos contraproducentes da exposição mediática devem ser incorporadas pelas práticas comunicacionais dos cientistas e dos jornalistas: we also find that while uncertainty is inherent in epidemiological models, acknowledging nuance and uncertainty is initially less persuasive than an alternative cue that emphasizes deterministic and fatalistic outcomes. On the other hand, scientific reversals in those predictions undermines public trust in science. Thus, while the more exaggerated narrative may produce short-term gains in trust, it may come at a longer-term cost when those prognostications are falsified.

Our results offer insights into whether contestation over uncertainty inherent in emerging COVID-19 science has spillover effects by eroding public trust in and support for science more broadly (Kreps & Krinner, p. 9). Enquanto uma extensa literatura examina o impacto da ideologia, do consumo de notícias e de outros relatos na confiança social sobre o trabalho científico, outras questões importantes permanecem sobre como as características contextuais da comunicação científica politizada afetam as atitudes em relação à ciência em geral (Gauchat, 2012).

The COVID-19 pandemic has taken scientific debates that often appear abstract, unfold in relative obscurity behind journal paywalls, and, as in the case of climate change, involve longer time horizons than those salient to most citizens and made these debates of immediate relevance and importance to millions across the globe. Our results suggest that the presentation of the scientific uncertainty in the media and how other actors seek to politicize it affects both immediate public support for using COVID-19 models to guide policymaking and public attitudes toward science more generally (Kreps & Krinner, p. 9).

Conclusão

O cenário epocal que estamos atravessando pode vir a ser promissor na medida em que as relações entre conhecimento científico e opinião pública se revalorizem e reequilibrem. O exercício da perplexidade que sustenta o raciocínio reflexivo pode vir a tornar-se um modelo exemplar para as práticas comunicacionais, quase uma pedagogia implícita na maneira de encarar e perspetivar a complexidade social. A recuperação da confiança nos representantes do conhecimento estabelecido e nas suas instituições de referência pode ser agilizada por um *habitus* cognitivo e percetivo renovado, mais realista e humilde (a dupla aceção de *humus*), menos refém de *slogans* e ilusões assentes na tempestividade das respostas e altissonância das opiniões. Nos últimos anos o afastamento entre leigos e peritos foi recíproco e constante (Morin, 2003), dentro deste espaço gerou-se uma tendência solipsística e alérgica à comparação entre saberes especializados e cultura geral, desafiando a polarização entre razões fundamentadas, fixações de crenças e especulações ociosas. Como vimos, este cenário socio-histórico, é um terreno fértil para a reparação e propagação de ideologias intolerantes e extremistas.

Ao mesmo tempo, se é desejável que a perplexidade e a prudência do conhecimento científico sejam mais influentes no debate público, também é imprescindível não ter uma visão irénica e ingénuo sobre o trabalho da comunidade científica. Por exemplo, os conflitos económicos e geopolíticos que cercam as produções e

distribuições das vacinas contra o Covid19 por parte das indústrias farmacêuticas (Big Pharma), esbatem com a representação tradicional da sua atividade afastada e impermeável ao mundo dos interesses.

Neste sentido, também a ciência deveria aproveitar da criticidade que abala os equilíbrios do sistema sociopolítico e económico para pôr em análise as condições de possibilidade do seu próprio trabalho. Este é o desafio que lançou Pierre Bourdieu no seu último livro (*Science de la science et reflexivité*), isto é, escrutinar seja as relações ambivalentes internas ao “campo científico” (laboratórios, cientistas, grupos de investigação, revistas, financiamentos etc.), seja aquelas que o mesmo “campo” sofre e determina ao estar situado entre os outros campos da sociedade (político, económico, académico, industrial, mediático). Deste modo, a relativa autonomia do trabalho científico resultaria das complexas articulações entre as lógicas internas da atividade científica e as relações de interdependência com os outros atores sociais externos: um trabalho científico que é exercido entre tensões internas e pressões externas.

Por exemplo, é verificável que as patentes das vacinas estejam a tornar-se como o novo “ouro preto” sujeito a conflitos entre grupos privados de investigação para a sua hegemonia no mercado. Os cientistas envolvidos nesta missão fulcral para a saúde pública mundial trabalham neste contexto altamente conflitual e politizado. O que está em jogo nem sempre é uma luta pelo reconhecimento simbólico (a competência científica, a dedicação, a colaboração entre pares, o prestígio), mas uma concorrência tecno-económica pela hegemonia entre laboratórios com marcas associadas.

Todavia, ter uma perspetiva menos idealizante e “pura” da atividade científica não deve induzir a uma abordagem de relativismo niilista, como se a ciência não produzisse conhecimentos validos e valiosos (por serem validados seguindo protocolos comumente reconhecidos pelos pares). Contudo, conforme as análises de Bourdieu, a especificidade do campo científico deve ser enquadrada a partir da sobreposição entre a dimensão epistemológicas e a socio-histórica. Neste sentido, o contexto atual oferece a oportunidade de compreender de forma mais clara as condições sociais que tornam possível o trabalho científico, a sua comunicação, a sua eficácia, a sua ética, os seus constrangimentos e impasses. Uma ocasião, ao mesmo tempo, para reconhecer o seu estatuto peculiar, integrá-lo no discurso público, equilibrar as suas relações de poder e legitimidade face às instituições políticas e reduzir aquela aura de esoterismo que erroneamente lhe pode ser projetada.

Referências Bibliográficas:

- Baldi, V. (2018). A construção viral da realidade: ciberpopulismos e polarização dos públicos em rede. In (OBS*) *Observatorio Journal Special Issue*, (pp. 4-20)
DOI: <https://doi.org/10.15847/obsOBS12520181420>
- Baldi, V. (2020). Interpassive communication in the age of automatized culture: new challenges for the ethics of mediation. In Dominguez, A., Vences, N. (Orgs.), *La comunicación especializada del siglo XXI* (pp. 591-605). Madrid: McGraw-Hill Interamericana.
- Bauman, Z. (2007). *Tempos Líquidos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor
- Bourdieu, P. (1979). *La Distinction. Critique sociale du jugement*. Paris: Les Éditions de Minuit
- Bourdieu, P. (2004). *Para uma Sociologia da Ciência*. Lisboa: Edições 70.
- Eco, U. (2007). *A Passo de caranguejo. Guerras Quentes e Populismos Mediáticos*. Lisboa: Difel.

- Figueiras, R. (2021). Comunicação Política em Tempos Conturbados. Em *Electra* nº11. Lisboa: Fundação EDP (pp.137-148).
- Gauchat, G. (2012). Politicization of science in the public sphere: A study of public trust in the United States, 1974 to 2010. In *Am. Sociol. Rev.* 77, (p. 167–187).
- Hoover, K., D., "Pragmatism, Pragmaticism, and Economic Method", in *Contemporary Issues in Economic Methodology*, Roger E. Backhouse (Eds.), London: Routledge, 1994. (pp. 286-315)
- Koyré, A. (2021). *Reflexões sobre a mentira*. Lisboa: VS
- Kreps, S. E., Krinner, D. L. (2020). Model uncertainty, political contestation, and public trust in science: Evidence from the COVID-19 pandemic. In *Science Advances* 21: Vol. 6, no. 43 (pp. 1-12). DOI: 10.1126/sciadv.abd4563
- Kuhn, T. S. (1962). *The Structure of Scientific Revolutions*. Chicago, University of Chicago Press.
- Latour, B. (2012). *Enquête sur les modes d'existence: Une anthropologie des modernes*, Paris: La Découverte
- Lobo, E., de Moraes, J. L. B., & Nemer, D. (2020). Algorithmic Democracy: The future of democracy and the fight against digital militias in Brazil / Democracia Algoritmica: O futuro da democracia e o combate às milícias digitais no Brasil. In *Legal Cultures Magazine*, 7 (17). (pp. 255-276) <https://doi.org/10.22409/rcj.v7i17.982>
- Morin, E. (2003). *Éduquer pour l'ère planétaire, la pensée complexe comme méthode d'apprentissage dans l'erreur et l'incertitude humaine*. Paris: Balland.
- Müller, K. and Schwarz, C. (2020). *From Hashtag to Hate Crime: Twitter and Anti-Minority Sentiment* (July 24, 2020). Available at SSRN: <https://ssrn.com/abstract=3149103>
- Nichols, T. (2018) *A Morte da Competência*, Lisboa, Quetzal.
- Pearce, W. (2020). "Trouble in the trough: how uncertainties were downplayed in the UK's science advice on Covid-19". In *Humanities and Social Sciences Communications* 7, 122. <https://doi.org/10.1057/s41599-020-00612-w>
- Peirce, C. S. (1877). *The Fixation of Belief*, Popular Science Monthly 12 (November 1877), 1-15. <http://www.bocc.ubi.pt/pag/peirce-charles-fixacao-crenca.html>
- Peirce, C. S. (1958). *Selected Writings (Values in a Universe of Chance)*. In Philip Wiener (Eds.), Dover Publications, New York, 1958.
- Popper, K. (1954). *The Logic of Scientific Discovery*. New York, Basic Books.
- Richards, R. and Calvert, C. (2000). Counterspeech 2000: A New Look at the Old Remedy for "Bad" Speech". In *BYU Law Review*. 553. Available at: <https://digitalcommons.law.byu.edu/lawreview/vol2000/iss2/2>
- Safatle, V., P. (2018). A filosofia frente a relação entre mídia e política. Em *Paulus: Revista de Comunicação da FAPCOM*, Vol. 2 Nº 3 (p. 125-136). DOI: <https://doi.org/10.31657/rcp.v2i3.48>
- Wegwarth, O., Wagner, G., Spies, C., Hertwig, R. (2020). Assessment of German Public Attitudes Toward Health Communications With Varying Degrees of Scientific Uncertainty Regarding COVID-19. In *JAMA Network Open*. 2020; Vol. 3 Nº 12 (pp. 1-5): e2032335. doi:10.1001/jamanetworkopen.2020.32335.
- Williams, M. (2021). *The Science of Hate: How prejudice becomes hate and what we can do to stop it*. London: Faber & Faber.